

Diario do Rio de Janeiro.

O DIARIO DO RIO DE JANEIRO, propriedade de Nicoláo Lobo Vianna, publica-se nos dias que não forem de guarda, e subscree-se na typographia da rua d'Ajuda n. 79, a 12,000 réis por anno: para fóra da côrte 16,000 réis. — Pelos annuncios pagar-se ha uma retribuição razoavel. — A correspondencia deve ser dirigida, FRANCA DE PORTE, ao Editor do DIARIO.

CORREIOS

Hoje (22) parte o correio para S. Paulo, e deve chegar o de Cantagallo.

VARIEDADE.

MISCELLANEA.

A POLKA E O ROMANTISMO.

De quantos vocabulos correm por ahí na circulação familiar eu não conheço dois tão geraes, e tão comprehensivos, como *polka* e *romantismo*, o primeiro para objectos físicos, o segundo para moraes. Se vejo um homem com a cabeça rapada quasi á navalha a modo de quem sae da casa da cerceação, ou pelo contrario tão guedelhudo, como um leão, com palmo e meio de gasnete, e barbas de mouro, logo me dizem, que isso, é andar á polka. Uma gualdrapa com foros de casaca, com os enfranques e botões abaixo das nadegas, ficando destarte o homem com corpo de feito do gafanhoto póe-mesa, trajar á polka.

Se se apresenta á cavallo um esganarello, choteando por esse mundo trazendo na cabeça um boiazinho chamado chapéo, na boca um enorme charuto, muitas vezes apagado, metido n'uma burjaca de marujo, hoje denominada *pulitô*, e na dextra um pedaço de caibro arvorado em bengalla, não tenho mais que perguntar, toda essa palhacaria é andar e trajar á polka. E qual é entre nós a cousa, que não esteja sob o imperio da polka? Não só sao a polka todas as modas, e os vestuarios mais extravagantes, senão que até o comer, o beber, e as cousas mais usuas da vida tudo é a polka. Os nossos diarios quotidianamente annunciam bollos, sequinhos, doces, e até pão á polka! carne, peixe, farinha, vinho, aguardente, queijos, manteigas, tocinhos, presuntos, paos, choriços, alhos, cebolas, azeite, vinagre, tudo está á polka!

Ha camas, ha mesas, ha cadeiras á polka. Já se dão jantares e ceias á polka; e vi, nao ha muito tempo, certa procissão, que bem podia se baptisar em procissão á polka, por causa das extravagancias, que n'ella se apresentaram. Quem sabe, se de quantas fabricas legislativas, que possuímos, já terão sabido até leis á polka? E como quer que, segundo o antigo prologoio *facile est inventis addere* eu cá muito em particular, e aqui para nós tenho descoberto, narizes, olhos, bocas, e caras á polka. Eu vendo um nariz, que parece trasto emprestado, uns olhos que nada exprimem, e que mal se distinguem dos de vidro de qualquer imagem, uma boca desconformada das mais partes do rosto; e uma cara enfim de um typo desconhecido, diga tambem que tudo isto é á polka. Antigamente estimava-se uma senhora garbosa, direita e bem

desempenada; hoje está forá de bom gosto, e da polka; porque para que ande a polka, e consequentemente se torne agradável, é mister que impurre o pescoço e seio para diante, e volume bem as ancas para traz, de maneira que pareça, que quer abrir caminho em adjunto de grande aperto.

Assim como tudo quanto ha de fisico fóra do natural e ordinario, se chama á polka, tudo, que é extravagante, monstruoso e desusado na moral, denomina-se romantico. Antigamente uma moça magra, como uma mumia, pallida, com dôr fixa de uma banda, febre lenta e periodica, e escarrinhos de sangue, era objecto de compaixão, e já todo o mundo se affastava d'ella pela suppur thica e proxima á sepultura: mas hoje não é assim; e uma mulher n'esto estado tem o titulo de romantica, e não faltão amadores que a namorem e requebrem. Se leio as poesias eroticas dos nossos maiores, observo que as bellas d'esses tempos góticos erao moças de formas carnudas e arredondadas, de tez alvirosada, faces de papoila, labios de nacar, dentes de marfim, colo de alabastro, e olhos onde a par da ternura estava como estampada a abundancia do vigor e de vida; presentemente parece que não é geral esta regra; porque o amor tem-se tornado para os espiritos elevados uma abstracção; e dá-se grande apreço á uma mulher romantica, isto é, a uma mulher raduzida a esqueleto, com côr de de viola velha, e já bem proxima a dar contas a Deus, e que em verdade em outras eras só podia ser namorada do coveiro.

Em consequencia do apurado gosto romantico da senhora, que hoje tem a imprudencia de dizer, que é robusta, e gosa saude impertubavel; porque para logo é tida e havida por camponesa, montezinha e assalvajada. Ainda que esteja saa, como um porco, em se lhe perguntando como passa, deve responder, que está incommodada do estomago, de enchaqueca, do systema nervoso; e se chegar a dizer, que está no uso do charope d'aspargos, e na applicação de bichas, porque padece uma hypertrophia do coração, oh! isso seria oiro sobre azul; porque a hypertrophia é uma molestia imminetemente romantica, muito sentimental e do bom tom. Embora tenha tão bom apetite, como um trabalhador de machado, queixe-se sempre de seu fastio, e diante de gente, coma o menos possivel; porque a inapetencia á comida é cousa muito romantica.

Vejo uma mulher descarnada e ossuda, feia como um demonio, e de mais a mais cheia de caprichos, richosa, hypochondriaca, e com desmaios e faniquitos. Noutro tempo uma mulher d'estas, chamava-se furia, dragão, serpente, estupor, e nao havia filho de Eva, que se namorasse de semelhante megêra; porém hoje, graças a escola de Shakspeare, de Schlegel, de Victor Hu-

go, de Rousard, d'Alfredo de Vigny, etc., etc., essa mulher é horrenda sim, mais por isso mesmo é romantica. N'esse seculo de ferro, mas de muita fé, de muito temor de Deus, de muita piedade, se uma mulher houvesse, que por paixão amatoria se suicidasse, que horror nao causaria! Todos a considerariam no inferno, e seu cadaver não seria sepultado em logar sagrado: mas nos nossos dias a mulher que se mata por ciúme, por vingança, ou por qualquer desgosto de amores, é uma heroína, é uma nova Sapho, não faltarão periodicós que lhe louvem a acção heroica; porque o suicidio é essencialmente romantico, e se houver parochio, que não a queira enterrar em sagrado, terá contra si a escola romantica, que chamará estúpido, impostor e fanático.

A senhora que quizer ser romantica deve fazer o seguinte: primeiramente ha de queixar-se de alguma enfermidade, como seja, a emicrania, a gastrite, a hypertrophia, alguma nevralgia, e qualquer affecção nervosa: item fale sempre nas suas palpitações de coração, e na melancholia que padece, ponha bichas na região epigastica, não se levante da cama antes das onze horas da manhã, não leia senão romances, novellas e tragedias, não perca baile, ou soiré, tenha os seus desmaios uma vez por outra, beba vinagre para não engordar, traga a cintura tão estreita, como a de um macaquinho, e as ancas enfumadas como uma bojarrona; item, diga, que o arrulo das pontas, e o coachar dos sapos, o bramido das ondas são mais gratos ao seu triste coração, do que a melhor musica de Rossini, de Bellini, de Donizetti, etc. etc; advirto, que nunca deve entrar em igreja, nem ouvir missa, nem confessar-se; porque estas cousas só as praticão mulheres matricas e do vulgacho.

Tambem ha homens de procedimento e modos romanticos. Antigamente o sujeito, que não respeitava a seus paes, que corrompia uma virgem, que seduzia uma casada, que menoscabava a religião, que maltratava os velhos, que espancava a sua mulher, que nao tinha emprego, nem modo de vida, que não tinha estudos serios, que em tudo fallava, que de tudo queria decidir, chamava-se ignorante, yadio, tolo, pedante, peralvilho, libertino, grosseiro e malcriado; mas presentemente tudo se lhe desculpa, dizendo-se, que é um homem romantico!

Se o individuo troa o dia pela noite, anda vestido como um doido, se faz sonetos com treze ou quatorze pés, ou sem pés, nem cabeça; se compõe tragedias que fazem rir, e comedias que fazem chorar; se em um drama reproduz toda a historia de Carlos Magno; se o protagonista de uma sua tragedia apparece criança no primeiro acto em Meca, no segundo já um barbado que se apaixona por uma princeza do Monomopata,

o no terceiro metamorfoseia-se em mulher, tido na conta de poeta romantico, e não ha palmas, que bastem para applaudir-o. Finalmente com os vocabulos, Polka e Romantismo nao ha extravagancia, nao ha ridiculo, quer no fisico, quer no moral, que se não justifiquem e deixem de ter acceptação. Tudo é á polka, e tudo romantico. Como mudáo os tempos! No de nossos maiores uma mulher que sofria ataques de esterismo dizia-se possessa, e lá ia ser exorcizada pelos frades; ao depois conheceu-se, que o esterismo era uma enfermidade, e d'elle tomara conta os filhos de Esculapio. Hoje uma grande parte dos esterismos, nem sao maleficios diabolicos, nem fenomenos pathologicos, são caracteristicos de um certo genero de romantismo. (Do Carapuceiro.)

EXTERIOR.

AS ELEIÇÕES INGLEZAS.

III. — (Continuação.)

Assisti em Londres ás duas assembléas preliminares de Guildhall e de Covent Garden, a primeira por detraz de S. Paulo, no centro mesmo da cidade, a segunda no quarteirão nao menos populoso e mais fashionable de Westminster. Procurarei reproduzir o caracter particular de cada uma d'ellas. — Na antiga sala enfumada e gothica de Guildhall, a assembléa, exclusivamente composta de negociantes, era avida como o lucro e apaixonada como o jogo: na praça de Covent Garden, pelo contrario, os hustings offerencia á vista ondas de povo adornado de fitas e de chapelinhos de sol, que dava a esta scena a apparencia de um divertimento e fazia d'elle uma reunião de mulheres que nao um meeting de eleitores; na cidade batia-se com os pés, berrava-se, imitavam-se todos os gritos dos animaes mais barbaros; nem lord J. Russell, nem M. de Rothschild, nem M. Pattison poderão fazer-se ouvir; nos divertidos estrados de Covent Garden, erao mais galantes e menos tumultuosos; os oradores erao ouvidos sinão com favor ao menos com respeito, principalmente os moços excitavam na porção feminina da assembléa um enthusiasmo impossivel de descrever; erao ramalhetez atritados do alto dos estrados levantados diante de todas as casas da praça vasta; erao lenços e leques agitados por trez ou quatro mil braços bonitos ao mesmo tempo; erao gritos confusos de *viva Cochrane!* pronunciados, pareciam-me, tanto com a boca como com o coração; era finalmente com o concerto perfumado de applausos, de vozes de mulheres, de juramentos patrióticos, de juramentos amorosos, que enchiao os ares de mil ruidos encantadores e que deveria lisongear tanto a vaidade dos oradores como sua eloquencia. Devo dizel-o, M. Cochrane, no meio da chuva

■ fez um longo sonho de amor.

— Se eu estivesse a sós com elle! se elle me amasse, e não amasse senão a mim, com que ligeireza correria eu d'este balcão, com que langaria em seus braços, escutar-lhe-ia bater o coração! Mas, aí! que muito tarde tomei o logar de Beatriz!

E duas lagrimas lhe rolárao pelas faces.

— No entanto, continuou ella dando um suspiro, quando passa a trovoadá, a floresta continúa a florescer, e a ecoar o canto dos passaros: — Levão então as trovoadas moraes o coração todo inteiro? Quando o inverno tem tudo destruido, vem a primavera, que semêa a vida no valle: — O coração pois só terá uma primavera?

Dissemos que na occasião solemne em que os bellos cabellos de Beatriz cahião aos talhos da tesoura, duas mulheres vestidas com alguma extravagancia haviam entrado com estrondo na igreja. Ora, o leitor terá sem duvida conhecido a comica do theatro de *Variedades*, e a corista do da Opera.

— Em que altura estão? perguntou uma d'ellas a uma moça que estava de joelhos á sombra de um pilar.

A moça (era Margarida de Parfondval) respondeu que a cerimonia estava prestes a acabar.

As duas camaradas atravessarão sem cerimonia a nave, derribando cadeiras, ou incommodando os fieis.

— Pobre Beatriz! disse uma d'ellas ao vêr Beatriz deitada.

Beatriz conheceu-lhe a voz.

— Onde estou eu? perguntou ella.

E como tinha a cabeça um pouco atordada, tudo quanto se havia passado de ha tres mezes lhe parecia um sonho doloroso. Aquella voz que ouvira lhe recordou todas as alegres loucuras da sua mocidade. Em alguns instantes viu passarem os divertidos annos, em que abria o coração a todos os prazeres, e a si mesma perguntava se era possivel que elle se tivesse tao violentamente desapegado das pompas do mundo.

— Onde estou eu? tornou ella a perguntar.

E viu apparecer a pallida figura do conde d'Orbessac, tao bella até depois da morte;

mas repelliu horrorisada, com mão victoriosa, esse passado ainda palpitante, que se erguera ante ella como para engolha-la de novo em seus encantos.

— Agora, — disse levantando-se e contemplando os seus bellos cabellos esparsos a seus pés, aquelles bellos cabellos que Mauricio amara tanto, — agora, sinto que estou salva.

XXII.

FRAGMENTO DE UMA CARTA DE MARGARIDA A BEATRIZ.

A soror Clotilde, no convento das carmelitas.

« Hontem, estava eu sosinha como sempre, triste como de costume: pensava em ti. Não te parece tambem que nós fomos uma só mulher em duas? Não sou eu que estou ainda no convento, e não és tu que ainda moras na rua de Provence? « A proposito, ainda não deixei a tua casa, desci porém para o primeiro andar. Vaidade das vaidades! Terei eu aqui mais luz e ar? mas ao menos derão-me o teu jardim; era o que mais me attrahia para este aposento. E de mais, cumpre dizer, que a minha fortuna exigia que eu descesse alguns andares.

« Hontem pois estava eu sosinha e triste, quando me vierão annunciar Rodolpho d'Orbessac, que quasi se não parece com o irmão; apenas tem uns ares da familia; além de que o sol da Africa o cresceu singularmente. Traz elle com orgulho uma cruz que ganhou na ultima campanha; e entretanto que confessa haver o seu cavallo tido grande parte na gentileza premitida. Não sei para que te digo tudo isto, creio que é para chegar a um ponto mais interessante.

« Ao apparecer-me vinha elle triste; amava o irmão, e muito o tem chorado. — « Vim a Paris, me disse elle com voz comovida, para saudar-lhe o tumulo, e dar execução aos seus legados. — « Ignorava que estivesse no convento; tudo lhe contei. — « Bem vê, lhe disse eu, que no convento não tinha ha irmã que fazer

desunir-se do corpo do amante, jurando que morta ou viva a levariao com elle á sepultura.

Passou Margarida segunda noite ante um leito funebre.

A' hora do funeral do conde d'Orbessac, trez mulheres se achavão de joelhos na igreja de Magdalena.

A primeira, receiando ser conhecida retirou-se logo que contemplou o feretro, e lhe deixou um alhar de despedida.

A segunda orava na capella da Virgem, e sustinha nos braços a terceira.

Esta ao levarem o corpo, soltou um grito agudo, e cahiu no chão.

No mesmo dia partiu a condessa de Fargiel para a Allemanha com o principe de Waldsthal, depois de encarregar a trez advogados celebres da defeza de seus direitos. Como essa mulher nao tinha coração, por ali a havia Deus castigado. A morte de Mauricio fora um golpe que lhe deixara uma ferida eterna.

A' noite procurava Margarida consolar a Beatriz, lastimando-se com ella.

A infeliz Beatriz nem forças tinha para se queixar. Fitava a irmã em silencio, e com os olhos enchutos.

— Margarida, disse ella de repente, voltas para o convento?

— Não, respondeu Margarida.

— Pois eu... von.

— Beatriz! Beatriz! aquillo é o tumulo, e não a morte.

— E' o que me convem, disse Beatriz com melancolica esperanza. Quando estavas no convento, não tinhas ninguém a chorar.

— Chorava lá a minha unica amiga, que eu havia matado...

— Uma amiga? que cousa é essa? Eu lá chorarei Mauricio com infinita satisfação. Lembra-me que no convento se respirou o cheiro do sepulchro: parecer-me-ha que estou lá com elle.

Margarida soltou um ai profundo, lembrando-se das tristes cellas da rua de Vaugirard.

Beatriz chegou á janella e contemplava as estrellas.

— Edemais, replicou ella, sou uma gran-

de pecadora. A poder de expiações, talvez permitta Deus á minha alma reunir-se com Mauricio no céu.

— Eu, dizia entre si Margarida, quero viver a vida que Deus deixou a seus filhos. Não sou tao pura que ame só a Deus; conheço de mais que tenho os pés na terra.

— Sabes, disse depois para Beatriz, que cada uma de nós tem de herdar do conde de Parfondval quatro centos a quinhentos mil francos.

— Não quero d'elle um ceitil, respondeu Beatriz; Mauricio deixou-me em seu testamento quasi tudo que lhe restava. Só quero os seus cabellos, que tive a triste coragem de cortar esta manhã, como se elle estivesse adormecido... Assim, minha querida Margarida, se tenho direito á herança do conde de Parfondval, ati' lo cedo de todo o meu coração. Tens raso de viveres um pouco no mundo, eu n'elle tenho vivido de mais. Por minha vez te peço, não me esqueças inteiramente no redomoinho dos prazeres...

Margarida estava pensativa.

— Redomoinho! ah! quizera que me elle arrebatasse até embriagar-me, por que não sou mais que uma estatua; o convento tinha-me gelado o triste coração. Ao vêr Mauricio, senti que nao estava inteiramente morta, Mauricio porém...

— Sim, atalhou Beatriz, tinha-me esquecido... Mas tu não o amavas como eu! E como se uma subita revelação se lhe apresentara, acrescentou:

— Margarida! aborreço-te.

Margarida ergueu os olhos, e cravou-os admirados em Beatriz.

— Está ficando douda, disse entre si.

— Sim, aborreço-te, proseguu Beatriz, aborreço-te por que o amastes, por que...

o teu amor dá a morte!

— Minha irmã!

— Certo, o teu amor dá a morte; fostes tu quem m'o disesses. No mesmo dia em que o vistes no meu quarto, senti como refriar-se-me o coração. Era um presentimento.

— Sim, disse Margarida consternada, tenho levado a dor, por on le quer que pas-